Afro-Ásia, 14 – 1983

A SOCIEDADE EGBÉ ÒRUN DOS ÀBÍKÚ, AS CRIANÇAS NASCEM PARA MORRER VÁRIAS VEZES *

Pierre Verger
Universidade Federal da Bahia

Se uma mulher, em país iorubá, dá à luz uma série de crianças natimortas ou mortas em baixa idade, a tradição reza que não se trata da vinda ao mundo de várias crianças diferentes, mas de diversas aparições do mesmo ser maléfico chamado *àbíkú* (nascer-morrer) que se julga vir ao mundo por um breve momento para voltar ao país dos mortos, *òrun* (o céu), várias vezes (1).

Ele passa assim seu tempo a ir e voltar do céu para o mundo sem jamais permanecer aqui por muito tempo, para grande desespero de seus pais, desejosos de ter numerosos filhos vivos, para assegurar a continuidade da família sobre a terra.

Esta crença se encontra entre os akan, (2) onde a mãe é chamada *awomawu* (ela bota os filhos no mundo para a morte). Os ibo chamam os *àbíkú* de *ogbanje*, os hauçás de *danwabi* e os fanti, *kossamah* (3). Sua pre-
sença entre os Mossi foi estudada por M. Houis (4).

Encontramos informações a respeito dos *àbíkú* em algumas histórias (ìtan) de Ifá, sistema de advinhação dos iorubá, praticada pelos babalaôs (pai-do-segredo) que transmitem de geração em geração um enorme "corpus" de histórias tradicionais, classificadas nos duzentos e cinqüenta e seis *odu* ou sinais de Ifá (5). Oito deste *Ìtan* são dados no fim destes artigo, nos seus textos originais iorubá, com a sua tradução para o português.

Estas histórias mostram que os *àbíkú* ou *eméré* (1/2) (6) formam sociedades no céu (*egbé òrun*), presididas por *Iyàjansà* (a mãe-se-bate-e-corre) para os meninos (VIII/2 e 76) e *olókó* (chefe da reunião) para as meninas (V/3 e VIII/77), mas é *Aláwaiyé* (Rei de Awayé) (VII/17) que as levou ao mundo pela primeira vez na sua cidade de *Awaiyé* (VII/18). Lá se encontra a floresta sagrada dos *àbíkú* (VII/44), aonde os pais de *àbíkú* vão fazer oferendas para que eles fiquem no mundo (VII/45,52,54.).

Quando eles vêm do céu para a terra, os *àbíkú* passam os limites do céu diante do guardião da porta, o aduaneiro do céu *oníbodé òrun* (1/5), seus companheiros vão com ele até o local onde eles se dizem até logo (III/9). Os que partem declaram o tempo que tencionam ficar no mundo e o que farão. Se prometem a seus companheiros que não ficarão ausentes, essas crianças, apesar de todos os esforços de seus pais, retornarão, para encontrar seus amigos no céu (V/7,9).

Os *àbíkú* podem ficar no mundo por períodos mais ou menos longos. Um *àbíkú* menina chamada "A-morte-os-puniu" declara diante de *oníbodé òrun* (I/6,16) que nada do que os seus pais façam será capaz de retê-la no mundo, nem presentes em dinheiro, (I/7) nem roupas que lhes ofereçam, (I/9) nem todas as coisas que eles gostariam de fazer por ela (I/11) atrairiam os seus olhares nem lhe agradariam (I/12).

Um *àbíkú* menino, chamado *Ilere*, diz que recusará todo alimento (II/7) e todas as coisas (II/10) que lhe queiram dar no mundo. Ele aceitará tudo isto no céu.

Quando *Aláwaiyé* levou duzentos e oitenta *àbíkú* ao mundo pela primeira vez, cada um deles tinha declarado, ao passar a barreira do céu, o tempo que iria ficar no mundo (VII 4, 10). Um deles se propunha a voltar ao céu assim que tivesse visto sua mãe; (VII/10) um outro, que iria esperar até o dia em que seus pais decidissem que ele se casasse (VII/11); um outro, que retornaria ao céu, quando seus pais concebessem um novo filho (VII/15), um ainda não esperaria mais do que o dia em que começasse a andar (VII/16).

Outros prometem a *Iyàjanjasà*, que está chefiando a sua sociedade no céu (VIII/3), respectivamente, ficar no mundo sete dias, (VIII/19 ou até o momento em que começasse a andar (VIII/23) ou quando ele começasse a se arrastar pelo chão (VIII/23), ou quando começasse a ter dentes (VIII/24) ou ficar em pé (VIII/25).

Nossas histórias de Ifá nos dizem que oferendas feitas com conhecimento de causa são capazes de reter no mundo esses *àbíkú* e de lhes fazer esquecer suas promessas de volta, rompendo assim o ciclo de suas idas e vindas constantes entre o céu e a terra, porque, uma vez que o tempo marcado para a volta já tenha passado, seus companheiros se arriscam a perder o poder sobre eles.

É assim que nessas quatro histórias (I, III, IV e V) encontramos oferendas que comportam um tronco de bananeira acompanhado de diversas outras coisas. Um só dos casos narrados, o terceiro, explica a razão dessas oferendas:

"Um caçador que estava à espreita (III/3), no cruzamento dos caminhos dos *àbíkú*, escutou quais eram as promessas feitas por três *àbíkú* quanto à época do seu retorno ao céu.

"Um deles promete que deixará o mundo assim que o fogo utilizado por sua mãe, para preparar sua papa de legumes, se apague por falta de combustível (III/11). O segundo esperará que o pano que sua mãe utilizar, para carregá-lo nas costas se rasgue (III/17). A terceia (porque é uma menina *àbíkú*) esperará, para morrer, o dia em que seus pais lhe digam que é tempo dela se casar e ir morar com seu esposo (III/22).

"O caçador vai visitar as três mães no momento em que elas estão dando à luz seus filhos *àbíkú* (III/26) e aconselha à primeira que não deixe se queimar inteiramente a lenha sob o pote que cozinha os legumes que ela prepara para seu filho (III/28); à segunda que não deixe se rasgar

o pano que ela usar para carregar seu filho nas costas, que utilize um pano de qualidade diferente (dos que se usam geralmente para este fim); (III/32); ele recomenda, enfim, à terceira, de não especificar, quando chegar a hora, qual será o dia em que sua filha deverá ir para a casa do seu marido (III/33).

As três mães vão, então, consultar a sorte, Ifá, que lhes recomenda que façam respectivamente as oferendas de um tronco de bananeira, de uma cabra e de um galo, impedindo, por meio deste subterfúgio, que os três *àbíkú* possam manter seu compromisso. Porque, se a primeira instala um tronco de bananeira no fogo, destinado a cozinhar a papa do seu filho, antes que ele se apague (III/43), o tronco de bananeira, cheio de seiva e esponjoso, não pode queimar, e o *àbíkú*, vendo uma acha de lenha não consumida pelo fogo (III/47), diz que o momento de sua partida ainda não é chegado. A pele de cabra oferecida pela segunda serve para reforçar o pano que ela usa para levar seu filho nas costas (III/52); a criança *àbíkú* não vai achar nunca que esse pano se rasgou e não vai poder manter sua promessa. Não se sabe bem o porque do oferecimento de um galo, mas a história conta que, quando chegou a hora de dizer à filha já uma moça, que ela deveria ir para a casa de seu marido (III/55), os pais não lhe disseram nada e a enviaram bruscamente para casa dele.

Nossos três *àbíkú* não podem mais manter a promessa que fizeram, porque as circunstâncias que devem anunciar sua partida não se realizaram tais como eles tinham previsto na sua declaração diante de *oníbodé òrun*. Estes três *àbíkú* não vão mais morrer. Eles seguiram um outro caminho (III/75,76).

Comentamos esta história com alguns detalhes porque ilustram bem o mecanismo das oferendas e de sua função. Não é seu lado anedolíco que nos interessa aquí, mas a tentativa de demonstração de que, em país iorubá, a sorte pode ser modificada, numa certa medida, quando certos segredos são conhecidos. No caso, as condições nas quais os três *àbíkú* deixaram o mundo.

Esta noção sobre a importância de conhecer certos segredos é também expressa na sétima história onde os *àbíkú* combinam entre si, no momento de sua chegada a Awayé (VII/18), preparar, cada um, quatro vestimentas (de cor vermelha), assim como um lenço de cabeça e um boné no valor de 1.400 cauris (búzios) para cada um. Os *àbíkú* declaram que se alguém descobrir suas quizilas, quando eles chegarem ao mundo, e o nome das vestes que eles combinaram fazer (VII/22, 23), eles ficarão no mundo.

É por isso que os babalaôs consultados (VII/34) prescrevem oferendas desses objetos (VII/39, 41), a respeito dos quais os *àbíkú* fizeram uma combinação (VII/42).

Essas oferendas são penduradas nas árvores da floresta sagrada dos *Àbíku* em Awaiyé (VII/46), acompanhadas de pratos de alimentos e doces (VII/52).

Estas cerimônias serão feitas todos os anos pelos pais (VII/55), e eles dançarão ao som dos tambores, cantando canções onde falam do "Camwood, da cor das roupas vermelhas feitas pelos *àbíkú*, de lenços e de bonés no valor de 1.400 caurís (búzios) cada um, afirmando, asssim, ter conhecimento do pacto feito pelos *àbíkú* quando chegaram em Awaiyé, e do seu compromisso de ficar no mundo, se os pais viessem a saber da sua convenção. Nenhum *àbíkú*, cujos pais fizeram estas cerimônias, deixará o mundo (VII/68, 69) (7).

Tais oferendas são, com efeito, uma forma de expressão sem acompanhamento de palavras articuladas; o discurso é substituído pela apresentação dos objetos testemunhas, provando que a oferenda conhece os segredos, fazendo-o assim participar do pacto dos *àbíkú*.

Entre as oferendas que os retêm aqui, em baixo, figuram, em primeiro plano, as plantas litúrgicas. Cinco dentre elas são citadas nestas histórias:
Abíríkolo (Crotalaria lachnophera A. Rich, Papilionacaae).
Agídímagbayin (não identificada).
Ìdí (Terminalia ivorensis, A. Chev, Combretacae).
Ijà àgborín (não identificada).
Lara pupa (Ricinus communis Linn, Euphorbiaceae).

Citemos ainda duas plantas frequentemente utilizadas para reter os *àbíkú* e que não figuram nessas histórias:
Olobotuje (Jatropha curcas — LINN Euphorbiaceae).
Òpá eméré (Waltheria americana LINN, Sterculiaceae).

A oferta destas folhas constitui uma espécie de mensagem e é acompanhada por encantamentos (*ofó*); os textos de algumas delas figuram nos textos apresentados no fim deste artigo.
Resumamos aqui:
Ewé abíríkolo, ìnsìnkú òrun e pèhinda (V/51, 53)
Folhas *d'abíríkolo*, coveiro do céu, voltai.
Ewé agídímagbayin, Olorun máa ti 'kun, a o kú mó (IV/21, 23)
Folha de *agídímagbayin Olorum* fecha a porta (do céu) para que não morramos mais.
Ewé ìdí l'ori ki onà òrun tèmi o dí (VI/26)
Folhas de *ìdí*, dizei que o caminho do céu está fechado para mim.
Ewé ijá àgbonrín, não ande pelo longo caminho que conduz ao céu.
Ewé lara pupa ni osún awón àbíkú. (VI/33, 34)
A folha de lara vermelha pe o cânhamo dos *àbíkú*.
Olobotuje má jé ki mi bí àbíkú omo
olobotujé não meixe parir filhos àbíkú
Òpá eméré ki pé tí fi kú, yio máa eu ni, nwon ni, nwon bá rí òpá eméré
Vara de *eméré* não os deixe morrer, isto lhes agrada, ver a vara de eméré.

Notar-se-ão as associações de som que intervêm em algumas dessas fórmulas de encantamento tais como a última sílaba de *Ijá àgbonrín* e o verbo *rín ìdí* é do mesmo modo associada ao verbo *dí*, fecha (o cami-

nho do céu), além disso, esta história faz parte do signo *òdí méjì* onde se reencontra a mesma sílaba atuante; para a folha *lara pupa*, um jogo de palavras é feito entre o nome da folha *lara* e *l'ara,* o corpo (da criança).

Em país iorubá, os pais, para proteger seus filhos *àbíkú* e tentar retê-los no mundo, podem se dedicar a certas práticas, tais como fazer incisões (cortes) nas juntas da criança (VII/14) e aí esfregar um pó preto, feito de folhas litúrgicas, queimadas para esse fim, ou ainda ligar à cintura da criança um *òndè* (VI/20, 21), talismã feito desse mesmo pó negro, contido num saquinho de couro.

A ação protetora buscada nas folhas, expressa nas fórmulas de encantamento, é introduzida no corpo da criança por incisões e fricções, e a parte do pó preto, contida no saquinho do *òndè*, representa uma mensagem não verbal, uma espécie de apoio material e permanente da mensagem dirigida pelos elementos protetores contra os elementos hostís, sendo essa forma de expressão menos efêmera do que a palavra (8).

No canto da oitava história, são feitas alusões aos *xaorôs*, anéis providos de guizo, usados nos tronozelos pelas crianças *àbíkú*, para afastar os companheiros que tentam vir buscá-los (9) no mundo e lembrar-lhes suas promessas (VIII/57, 64).

De fato, seus companheiros não aceitam assim tão facilmente a falta de palavra dos *àbíkú*, retidos no mundo pelas oferendas, encantamentos e talismãs preparados pelos pais, de acordo com o conselho dos babalaôs.

Os membros da sociedade dos àbíkú, *egbé ará òrun*, vêm do céu residir nos lugares pantanosos (II/28) ou nos regatos (II/46, V/20), donde chamam as crianças que querem ficar no mundo. Vão também ao pé dos muros (II/47), lá onde vão esvaziar as sujeiras (II/48). Ficam nas salas onde as pessoas se lavam (balùwe) no fundo das casas (III/63), que são lugares frescos, onde é enterrado *iwo*, a placenta dos recém-nascidos, colocadas num vaso *isásùn*, coberto de folhas de palmeira desfiadas, chamadas mariwó e caurís (búzios). Isso se chama *orisun*, a origem da criança, e esse lugar é saudado com a seguinte frase: Balùwe, nlé o, o tó omo, at'idí jegbin omo tuntun Olá, sala de banho, fonte de origem da criança, come as sujeiras da criança recém-nascida), fórmula que, por um curioso resumo, associa as noções de especulações mui respeitáveis sobre a origem dos seres humanos às das funções orgânicas.

Nem sempre essas precauções e oferendas são suficientes para reter as crianças *àbíkú* sobre a terra. *Iyájanjàsa* é muitas vezes mais forte. Ela não deixa agir o que as pessoas fazem para os reter (VIII/46, 47) e porá a perder tudo o que as pessoas tiverem preparado (VIII/48, 49). Contra os *àbíkú* não há remédios. *Iyájanjàsá* os atrairá à força para o céu (VIII/35, 69). Os corpos dos *àbíkú* que morrem assim, são freqüentemente mutilados, a fim de que, dizem, eles percam seus atrativos e seus companheiros no céu não queiram brincar com eles sobretudo para que o espírito do *àbíkú*, maltratado deste modo, não deseje mais vir ao mundo.

Essas crianças *àbíkú* recebem no seu nascimento, nomes particulares. Damos no fim deste artigo uma relação de alguns desses nomes acompanhados de suas saudações tradicionais. Eles podem ser classificados:

quer nomes que estabelecem sua condição de àbíkú (6, 7, 8, 18, 36, 38); quer em nomes que lhes aconselham ou lhes suplicam que permaneçam no mundo (2, 9, 11, 13, 14, 16, 17, 23, 25, 26, 32, 33, 34, 30); quer em indicações de que as condições para que o *àbíkú* volte não são favoráveis (20, 21, 22, 27, 28, 29, 37, 39, 42); quer em promessas de bom tratamento, caso eles fiquem no mundo (5, 12, 15).

A freqüência com que se encontra, em país iorubá, esses nomes em adultos ou velhilhos que gozam boa saúde, mostra que muitos *àbíkú* ficam no mundo graças, pensam as almas piedosas, a todas essas precauções, à ação de Òrúnmìlà, e à intervenção dos babalaôs.

NOMES DADOS AOS ÀBÍKÚ

1 *Aiyédùn* — A vida é doce (NT)
Aiyédùn, a vida é doce, venha conhecer nossa sociedade
2 *Aiyélagbe* — Nós ficamos no mundo
Aiyélagbe, não parta, não se vá
3 *Ajá — Cão*
Cão, não quebre a corda, perdão, não se va
4 *Ajéigbe* — A riqueza não está perdida
Ajéigbe vai chegar, a riqueza não se perderá
5 *Akísàtán* — Não se usarão mais farrapos
Akísàtán eu não verei mais amarrar as roupas, *Akísàtán* não parta mais
6 *Akújí* — O que está morto, desperta
Akújì, faça sortes de prestidigitação
7 Apàrà O que frequenta minha casa
Apàrà, não fique indo e voltando
8 *Ayòrunbò* — Vá ao céu e volte
Ayòrunbò criança que cobre o corpo de terra
9 *Bánjókó* — senta-se comigo
Bánjókó, senta-se, repousa
10 *Dúródólú* — Espera o Senhor
Dúródólú, teu senhor está a caminho
11 Dúrójaiyé Fica para gozar a vida
Fica para gozar tua vida, fica ainda, *Durojaiyé*
12 *Dúróoríìke* — Fica, tu serás mimada (nome para uma menina àbíkú)
Fica, tu serás muito mimada neste mundo, *Dúróoríké*
13 Dúrósnmí — Fica, para me enterrar
Fica, para me enterra, não durmas em vão, *Dúrósínmí*
14 Dúrósomo — Fica, para fazer filhos
Fica para fazer filhos no mundo, não faça filhos no céu *Dúrósomo*

15 Dúrótoyé — Fica para receber um título honorífico
Fica, para receber um título, não vá ao céu de tarde
16 Dúrówòjú — Fica para olhar nos meus olhos
Fica, para olhar nos olhos de teu pai e tua mãe, Dúrówòjú
17 Èbèlokú — Suplica para que fique
Suplica para que fique, suplicante está a criança, *Èbèlokú*
18 Enílolobò — Alguém que partiu, volta
Alguém que partiu, volta, alguém semelhante chega
19 *Enúnkúnonríipe* — O que consola está cansado de oferecer condolências, iso o cansa *Enúnkúnonríipe*
20 *Igbékòyìí — O mat*o recusou este aquí,
Igbékòyìí, o mato recuspu mesmo este aquí
21 *Ikúforíjin* — A morte perdoou
Meu *Ikúforíjìn*, tua cabeça não vai mais morrer
22 Ilètán — A terra acabou (não há mais terra para enterrá-lo)
A terra acabou, não vemos mais possibilidade de enterrá-l0
23 *Jéaríobé* — Deixa-nos pedir-te
Deixa-nos pedirte, se te pedimos que nos escute, Jéaríobé
24 *Kíké* — Indulgente
A criança é indulgente, Kiké
25 Kòjékú — Não consinta em morrer
Não consinta em morrer, nós o prendemos na terra
26 *Kòkúmó* — Não morra mais
Kòkúmó, oh filho do segredo!, não morra mais, fique sobre a terra
27 Kòníbírè — Não há mais lugar para ir (fora deste mundo)
Kòníbíré não vê lugar para ir
28 Kèsílè — Não há terra (onde enterrar)
Não há terra, não vemos mais possibilidade de lhe enterrar, *Kòsílè*
29 Kòsókó — Não há enxada (para cavar o túmulo)
Não morra, não há enxada para cavar a terra Kòsókó
30 Kúmápayìí — A morte não leva este daqui
Kumápáyìí que bebe água na cabeça dos mortos, se ele a usa, a batalha será hoje mesmo
31 Kúti — Ele não está totalmente morto
A morte empurra para o mundo, não vá para o céu, morte, empurre para o mundo
32 Mákú — Não morra
Não morra, mulher do babalaô, Mákú não morra
33 Málomó — Não te vás mais
Não te vas mais, retorna, *Málomò*
34 Mátànmi — Não me decepciones
Eu terei notícias tuas, não me decepciones, eu terei tuas notícias, não partas
35 Òbísèsan — Nascido para a vingança
Òbísèsan vem fazer a vingança do bem para o mundo

36 *Òkúsèhíndé — O cadáver volta*
37 Orúkotán — O nome acabou
Orúkotán, seu último nascido, Orukotán
38 Omotúndé — A criança voltou
A criança voltou, ela não será mais *Àbíkú, Omotúndé*
39 Òrunkún — O céu está cheio
O céu está cheio, não te vás mais, *Òrunkún* não te vás mais, ele ficou
40 Rótìmi — suporta-me
Rótìmi boa vinda, bom filho, *Rótìmi* boa vinda
41 Tanímòwò — Quem sabe cuidar dele?
Quem sabe cuidar dele, se não o senhor, *Tanímòwò*?
42 Tìjúikú — Envergonhado da morte
Tìjúikú não deixa a morte te matar

É PRECISO CUIDAR DOS ÀBÍKÚ, SENÃO ELES VOLTAM PARA O CÉU

A morte não deixa a criancinha ser forte
Funerais não deixam *emèrè* ficar velho
Ifá foi consultado para "A-morte-os-puniu" (nome do *àbíkú*)
que é filha de funerais
5 *Quando "A-morte--os-puniu" chega ao mundo, ela vai perto do guardião da porta*
Ela diz, ela vai ao mundo
Ela diz que mesmo que vocês (meus pais) lhe dessem dinheiro
Ela diz que não olhará para trás (não ficará)
Ela diz que (mesmo) que eles quisessem lhe dar vestidos
10 (Isto) não atrairá os seus olhares
Ela diz que se eles fizessem coisas para *ela*
Ela diz (isto) não lhe agradaria
Ela diz que todas as coisas que fizeram para ela completamente
Ela diz que, simplesmente, as jogará fora
15 Ela diz que o dinheiro que eles quiserem gastar
Ela diz que será dinheiro perdido
O guardião da porta diz, não é bem assim
Há! diz ela, é assim que ela vai fazer
Ele diz, então está bem
20 Ele diz, quando você vai voltar?
Ela diz que no momento em que ela agradar a todos (seus pais)
Ele (*ábíkú*) a atrairá *para* o céu
No momento em que eles (seus pais) fizerem coisas para ela
Ela diz, neste momento ela voltará

O guardião da porta diz, está bem então
Quando "A-morte-os-puniu" chega ao mundo
Sua mãe toma dois e aí junta três (ela consulta Ifá)
Esta menina poderá ficar com ela?
Eles (os babalaôs) mandam que ela faça oferendas para esta criança
Eles dizem, ela é um *àbíkú* verdadeiro
Eles dizem, ela se chama "A-morte-os-puniu" (*Ikú-jé-nwon-niya*)
Eles dizem, faça rapidamente oferendas para ela
Eles dizem que esta menina não será capaz de deixar o mundo
Eles dizem que ela pegue um galo
Eles dizem que ela pegue um bode
Eles dizem que ela tenha um tronco de bananeira
Eles dizem que ela tenha uma folha de abíríkoío
Sua mães grita hurra! nada acontecerá a esta menina
Eles dizem que ela pegue um bode
Eles dizem que ela pegue um tronco de bananeira
Eles dizem que ela pegue uma folha de *agídímagbayin*
Eles dizem que ela pegue uma folha de *abíríkolo*
Sua mãe grita hurra! nada acontecerá a esta menina
Quando esta criança chega na idade
Quando ela chega na idade de ir à casa de seu marido
Acontece que esta menina pensa repentinamente
Quando ela pensa repentinamente, ela fica com dor de cabeça
Antes do cair da noite, ela tem dores no ventre
Antes da aurora "A-morte-os-puniu" vai morrer
Sua mãe vem gritar, ela diz ah!
Ela diz, assim os babalaôs disseram
A morte não deixa a criancinha ficar forte
Funerais não deixam *éméré* ficar velha
Ifá é consultado para "A-morte-os-puniu"
Que é filha de funerais
Ela diz, seu olho a faz olhar aqui e lá
Ela diz, seu olho está brilhando (de lágrimas)
Ela diz, seu rosto está coberto d'água, ela chora
É assim que (quando) esses *àbíkú* vêm ao mundo
(E) vão dar adeus diante do guardião da porta
Eles dizem que esta pessoa fará qualquer coisa para eles
Eles não serão capazes de ficar quando chegar a hora
Em que as pessoas cuidem bem deles
Porque quando as pessoas são atraídos por eles (gostam deles)
Neste momento, eles querem deixar as pessoas.

OFERENDAS PODEM RETER ÀBÍKÚ NO MUNDO

A dificuldade atinge repentinamente alguém
A desgraça sobre alguém
Ifá é consultado para *Ilere*
Que é o filho de *Obìrín* àbatà (mulher pântano)
Ilere diz que vai ao mundo
Diz que se ele chegar ao mundo
Diz que toda a comida que lhe derem
Ele diz, ele não a comerá
Ele diz, (esta) dádiva ele a comerá no céu
Ele diz, todas as coisas que quiserem lhe dar
Diz que não as aceitará
Ele diz, (estes presentes) no céu ele os aceitará
Diz que não há coisas que o possam reter
Quando ele chegar no mundo
Esta criança é capaz de não morrer assim?
Ha! Dizem, eles (os pais) farão uma oferenda, ele não vai morrer
Eles dizem, a menos que eles não tenham um vaso novo
Eles dizem que eles tenham todas as coisas que a boca come
Que eles tenham um tecido vermelho
Eles dizem, que ele tenha uma tampa de panela, cânhamo (*osum*), sabão, esponja
Eles dizem quando eles tiverem oferecido tudo isso
Eles dizem que o colocarão rio abaixo
Eles dizem que lá estão seus companheiros que o vão chamar e matar
Eles dizem, é lá que eles vão ficar
Quando eles tiverem prontos, trarão as coisas para oferecer
Quando eles trouxerem estas oferendas
Seus companheiros o esperarão e não o verão chegar
Eles irão ao local pantanoso
No lugar onde se reúnem para se dizer adeus
Eles começarão a chamá-lo
Eles chamarão *Ilere, ô Ilere ô*
Para que eles lhes responda
Ele diz, assim os babalaôs disseram
A dificuldade encontra alguém de repente
A desgraça cai sobre alguém
Ifá é consultado para *Ilere*
Que é filho de *Obirín àbatá*

Ele diz, quem chama *Ilere*
Ele tem braços fortes, pés fortes
Eles ouvem, eles dizem ah!
Seus companheiros não vêm ainda
Eles voltam
Sua família fez oferendas
Ele não vai morrer
Se é um *àbíkú*
Motivo pelo qual esses *àbíkú* vão ao riacho
Ou olham o muro
Ou vão ao monte de estrume
Se os *àbíkú* chegam
(e) dizem que têm dor de cabeça
Seus companheiros vêm pegá-lo
(Mas) Aqueles para quem foram feitas as oferendas
Não abandonarão mais as pessoas

SUBTERFÚGIOS PARA RETER OS ÀBÍKÚ NO MUNDO

Òsé Omolu oh! a criança tem um segredo
Ifá é consultado pelo caçador que está à espreita
Que está à espreita na encruzilhada dos caminhos de àbíkú
Eles (os babalaôs) dizem, tu que estás à espreita
Eles dizem, teu olho verá muitas coisas hoje
Quando o caçador que está de tocaia no mato
Ele vê três (àbíkú) vindo ao mundo
Quando eles vêm ao mundo
Eles começam por dar adeus diante do guardião da porta
Um diz que vai assim ao mundo
Diz que a lenha que seus parentes usarem
(para preparar sua papa (de legumes)
Ele diz que no dia em que ela acabar de queimar
Ele diz, neste dia ele voltará, voltará para o céu
O guarda da porta diz que entendeu
O segundo (àbíkú) aparece lá e diz adeus
Diz que vai assim ao mundo
Diz que o tecido que (sua mãe) utilizar para carregar às costas
Ele diz no dia em que este pano estiver estragado
Ele diz neste dia ele voltará para o céu
A terceira (àbíkú) chega lá
Ela diz que vai assim ao mundo
Ela diz que no dia em que seus pais lhe disserem para ir à casa do

seu marido
Ela diz neste dia ela voltará para o céu
Quando o caçador retorna à sua casa
Ele fica sabendo que estes três (àbíkú) nasceram em suas casas
Ele vai visitar as três mães
Diz à primeira, tu que puseste um menino no mundo
Ele diz, não deixes que a lenha debaixo da panela da papa de legumes de seu filho, se queime completamete
(Senão) esta criança vai morrer
Diz, tu que deste à luz a segunda
Ele diz, o pano que usares para levá-lo nas costas
Ele diz, não deixes que se rasgue, usa um diferente (dos outros)
(Senão) esta criança vai morrer
Ele diz tu que pariste a terceira
Ele diz, se é tempo de levar tua filha para o marido
Ele diz não te arrisques a indicar o dia, e dizer que neste dia tu a levarás à casa do seu marido
(assim) esta criança será capaz de ficar no mundo
As três mães dizem que entenderam
Elas consultam Ifá
Quando elas chegam junto do babalaô
Eles encontram (o sinal) *Òsé omolu*
Eles (os babalaôs) dizem que elas tenham um tronco de babaneira
Eles dizem que elas tenham uma cabra como oferenda
Eles dizem que elas tenham também um galo
Eles dizem quando elas tiveram aceso o fogo sob a panela que cozinha
Eles dizem, se o fogo quiser morrer, que elas juntem um tronco de bananeira
Quando o *ábíkú* olhar oembaixo da panela, um acha
Ah! diz ele, o fogo não está quente
Elas fazem assim (continuamente)
Esta criança não vai mais morrer
Eles dizem que elas arranquem a pele de uma cabra
Eles dizem que elas costurem sobre o pano que a mãe usa para levar o filho nas costas
Quando chegar a hora (do àbíkú) dizer se o pano está estragado, ele voltará para o céu
Quando ele olha o pano atrás, ele não está rasgado (e não tem furos)
Ele diz que a hora ainda não chegou
Esta criança não vai mais morrer
Quando é chegado o momento de dizer que é tempo de ir à casa do marido (e) de morrer
Nesta hora, seus pais não lhe dizem nada
Um dia eles a tomam bruscamente e a levam (para a casa do marido)

Ela não vai mais morrer
Ela diz Ah! Eles seguiram outro caminho
Quando seus companheiros (*àbíkú*) os esperam assim (e) não os vêem chegar
Seus companheiros (*àbíkú*) vêm ficar atrás da casa
Eles os chamam
Eles os chamam todos os dias
Estes três (*àbíkú*) vêm responder a seus companheiros
Eles choram para voltar para junto deles
(Canto)
Òsé omolu oh! a criança tem um segredi
Vocês dizem a lenha não se queimou, oh! a criança tem um segredo
Òsé omolu ah! a criança tem um segredo
Vocês dizem, o pano não se rasgou, oh! a criança tem um segredo
Òsé omolu, oh! a crianda tem um segredo
Vocês dizem que levam a criança à casa do marido, oh! a criança tem um segredo
Òsé omolu, ah! a criança tem um segredo
(fim do canto)
Estes três àbíkú não vão mais morrer
Eles seguiram outro caminho

MOSETÁN FICA NO MUNDO

Levanta-te, levanta-te beleza, levanta-te
Ifá foi consultado para Mosétán (eu acabei)
Que é a filha de Olójé Okoso
Eles (os babalaôs) dizem que Mosetán venha fazer oferendas
Dizem que seus companheiros que ela vê em sonhos
Que eles não sejam capazes de aprender fora do mundo
Eles dizem que ela pegue um tronco de bananeira
Dizem que ela pegue uma das suas tangas
Eles dizem que ela pegue um galo
Eles (os pais) fazem a oferenda
Quando eles fazem a oferenda, eles colhem as folhas de Ifá (*agídí-magbayin*)
Quando acabam de colher, eles vão com seu tronco de bananeira
Com sua tanga, com as folhas de Ifá
Ela não vai mais morrer
Ela não verá mais as coisas más
Eles dizem assim dizem os babalaôs
Levanta-te, levanta-te beleza, levanta-te
Ifá foi consultado para *Mosetán*
Que é a filha de *Olojé Okosó*

Criança que recebe pedacinhos (de comida) na boca
Olorum fecha a porta (para) que não morramos mais
A mão (encontra) as folhas de *agídímagbayin*
Olorum fecha a porta para que não morramos
Assim fala Ifá
Ifá diz que a criança vê coisas más em sonhos
Que a criança chama seus companheiros (*àbíkú*)
Que els não serão mais capazes de prendê-la (fora do mundo)

OLÓÌKÓ É O CHEFE DA SOCIEDADE DOS ÀBÍKÚ

Òtua tem um segredo, talvez ele seja ativo
Ifá é consultado para *Olóikò*
Que é o chefe da sociedade (dos *àbíkú*) no céu
Que do céu parte para o mundo
Quando *Olóikó* se vai, os *àbíkú* dizem assim:
Tu Olóìkò que partes assim, não fiques muito tempo (ausente)
Se eles lhe promete que não ficará muito tempo (ausente)
Quando chegar a hora, (ainda que) os pais tenham feito muitas oferendas para que eles fiquem
Estas crianças não escutam. Elas se vão
Estes seres são chamados *Àbíkú*
Quando *Olóiko* se vai
Eles, (os *àbíkú*) dizem, tu Olóiko
Eles dizem, tu partes assim
Dizem, esta é a tua cadeira
Dizem, ninguém (além de ti) pode se sentar nela
Ele (*Olóiko*) diz, ele se vai
Eles dizem que quando chegar ao mundo
Dizem que não se esqueça deles
Quando ele chegou ao mundo, ele os esqueceu
Seus companheiros chegam à beira do regato
Eles chamam Olóiká, Olóiko, Olóiko
Olóiko escuta, (mas) não responde
Os pais de *Olóiko* correm à procura dos babalaôs
Eles dizem que Ifá os ajude
(Que) este *Olóiko* não seja capaz de morrer
Seus companheiros o chamaram, que ele não seja capaz de encontrá-los
Eles (os babalaôs) dizem que sua cadeira está no meio de seus companheiros
Dizem, porque os pais tomam cuidado ele não vai morrer
Eles mandam que façam oferendas

Dizem que (eles dêem) um tronco de bananeira
Dizem que (eles dêem) um pombo
Dizem que (eles dêem) todas as coisas que a boca come
Dizem (que eles dêem) 1200 caurís (búzios)
Dizem que preparem um pano branco
Quando eles acabam de preparar, pegam todas as coisas e as amarram juntas
Amarram estas oferendas como se fossem para funerais
Eles procuram um lugar perto do rio onde enterram as oferendas
Quando eles acabam de enterrar
Os companheiros de *Olóiko* chegam pertinho
Como eles ficam alí perto
(e) vêem que trazem uma oferenda
(e) que cavam a terra e ali enterram (alguma coisa) como um caixão de defunto
Quando acabam de enterrar
Os companheiros de *Olóiko* chamam de novo: *Olóiko, Olóikó, Olóikó*
Os pais de *Olóiko* vão consultar Ifá para ele
Eles vão colher folhas de *abíríkolo* como oferendas
Quando eles acabam de colher as folhas
Eles esfregam todo o corpo (de *Olóiko*) com elas
Quando o corpo está completamente esfregado
Os pais começam a cantar assim
"Porteiros do céu, voltai
Folha de *abíríkolo)*
Porteiros do céu, voltai"
Quando os porteiros do cé ouvem o canto que eles cantaram neste dia
Que afasta as pessoas de sua sociedade do seu corpo (de *Olóiko*)
Porque se *àbíkú* vem
Se (as pessoas) lhe fazem oferendas
Àbíkú não tem mais (nenhuma chance de ir (para o céu)

ASEJÉJEJAIYÉ FICA NO MUNDO NA DÉCIMA SEXTA VEZ QUE ELE VEM

Ifá foi consultado para *Òrùnnmìlà* por causa de seu filho Asejéjejaiyé
(E) a partir de Asejéjejaié que Òrùnmìlà prende *abíkú* no mundo
No Odu de Ifá, *Òdí* meji
Asejéjejaiyé é o nome da criança que Òrùnmilà, que teve naquele tempo
Ele, causa muitos aborrecimentos a Òrùnmìlà, porque é a décima sexta vez que vem ao mundo e morre
É então que *Òrùnnmilà* descobre suas manhas
Este *Asejéjejaiyé chegou pela décim*a sexta vez
Òrùnmilà diz. Ah! este ´o décimo sexto

Esta criança não deve ser capaz de ir assim
Eles (os babalaôs) dizem que Òrùnmilà prepare a folha *ìdí* e tudo o mais
Eles dizem que Òrùnmílà queime tudo
Depois que *Òrùnnmilà* queimou (para reduzir a um pó preto)
Eles dizem que Òrùnmìlà faça incisões nas juntas do corpo (de *Asejéjejayié*)
Que faça também incisões no seu rosto
Órúminnlà faz as incisões e (esfrega o pó)
Quando Òrùnmìlà acaba de fazer as incisões
Eles dizem, esta criança não conhece mais o caminho do céu (da morte)
Dizem que ele pegue o resto (do pó negro)
Dizem que com ele confeccione um *óndè* (talismã)
Dizem que o amarrem à cintura da criança
Dizem, ele não é mais capaz de partir
Dizem, o caminho do céu não foi feito para ele
Como eles colheram esta folha neste dia, eles dizem
A folha *ìdí* diz que o caminho do céu está fechado para esta pessoa
A folha *Ìdí* diz que o caminho do céu está fechado para mim
Que eu não morra em minha juventude
A folha de *ijá àgbonrín* não caminha ao longo do caminho que leva ao céu
Que eu não morra, que eu não siga o caminho do céu na minha juventude
A folha de *ijà àgbonrín* não caminha ao longo do caminho que leva ao céu
Eles dizem, não siga, pois o caminho do céu na sua juventude
A folha *lara pupa* é o "cânhamo" (*osùn*) dos *àbíkú*
A criança que esfrega seu corpo com a folha de *lara pupa* não volta para o céu
Ele (*Òrúnmílá*) diz que esfregou o corpo do seu filho com a folha (lara)
Diz, e quando ele crescer
e quando se tornar um adolescente
e quando ele for pai
Ele diz, ele não vai morrer na sua juventude
Nós pronunciaremos esse encantamento assim
Se alguém era *àbíkú* que vai e vem, que vai e vem
Se nós pudermos fazer incisões (sobre seu corpo e esfregar nelas o pó preto)
Se nós confeccionarmos um *Ònde* que predemos à sùa cintura
O caminho do céu ficará então fechado (para esta criança) neste tempo

OS ÀBÍKÚ CHEGAM AO MUNDO PELA PRIMEIRA VEZ EM AWAIYÉ

Mato pequeno, mato pequeno
Escuridão escura
Quem conhece o trabalho da escuridão não procura atrapalhar a lua
Ifá foi consultado para *Aláwaiyé* que vem do céu ao mundo
Que leva 280 *àbíkú* para a terra
Quando *Aláwaiyé* chega
Ele é o chefe dos *àbíkú* no céu
Ele chama então os *àbíkú* para que venham
Quando eles chegam na barreira do céu
Cada um declara o tempo que vai ficar (no mundo)
Um diz que, assim que ele tiver visto sua mãe, ele voltará
O outro que, no momento em que marcarem o dia do seu casamento, ele voltará
Uma outra que, quando tiver posto um filho no mundo, ela voltará
Outro diz que, quando tiver sonstruído uma casa, ele voltará
Outro diz que, quando seus pais conceberem de novo, ele voltará
Um outro que, quando começar a andar, ele voltará
Quando eles chegam, Aláwaiyé está no comando dos *àbíkú*
Quando eles chegam, vão primeiro a *Awaiyé*
Eles dizem que farão, cada um, quatro vestimentas (cor de)
Eles dizem que prepararão um lenço de cabeça (do valor de) 1400 caurís
Dizem que preparam um boné (do valor) de 1400 caurís
Eles dizem que, se alguém conhecer suas proibições quando eles chegarem ao mundo
Se alguém conhecer o nome das vestimentas que eles combinaram fazer
Eles dizem, se sua mãe soubesse das coisas combinadas
Eles dizem, eles ficariam perto dela
Eles dizem, se seu pai soubesse, eles ficariam perto dele
Quando eles chegam a *Awaiyé*
Alawaiyé firmemente os leva ao mundo
Ele vai a primeira vez, ele se vai de novo
Ele vai a segunda vez, ele se vai de novo
Ele vai a quarta, quinta, sexta vez,
Quando chega a sétima vez
A gente de *Awaiyé* vai consultar o babalaô
Seu filho será capaz de não ir mais?
Se alguém dá nascimento a um *àbíkú*

Se ele quer prendê-lo de tal modo
Que ele não queira mais partir de novo
Que prepare um lenço de cabeça (no valor de) 1400 caurís
Que prepare um boné (no valor) de 1400 caurís
Que prepare também um tecido (cor de) *osùn*
(estes são os objetos sobre os quais eles (os *àbíkús*) fizeram uma combinação
Eles fazem uma roupa para ele (*àbíkú*) neste pano (vermelho)
Eles têm uma floresta para sí em *Awaiyé*
Lá eles oferecem tudo
Dizem que ele (o pai ou a mãe) vá pendurá-la numa árvore na floresta dos *àbíkú*
Quando eles terminam de pendurar
Dizem todos a suas mães e seus pais
Que façam uma cerimônia para eles
Que dancem para eles
Que batam tambores para eles
Que preparem *èkeru, àkarà, òlè*, cana de açúcar, amendoins, doces
Que preparem esponjas e sabão
Que preparem todos os tipos de legumes
Eles dizem, se quiserem fazer isso todos os anos
Dizem que eles não partirão mais
Quando eles voltarem, eles dançarão aqui e lá
Terão tambores *iyá dùndún*
Eles cantarão
"Esfreguemo-nos de Osùn para o chefe da sociedade
Lenço na cabeça (do valor de) 1400 caurís
Esfreguemo-nos de Osùn para o chefe da sociedade
Boné (no valor de) 1400 caurís
Esfreguemo-nos de "Osùn" para o chefe da sociedade
Esfreguemo-nos de *"Osùn"* para *Aláwaiyé*
Esfreguemo-nos de "Osùn" para o chefe da sociedade
Dançarão suas danças
Eles dizem, se suas mães e seus pais fazem a cerimônia
Eles dizem, nenhum dos que são *àbíkú* não os deixará no mundo

ÌYÁJANJÀSÁ NÃO DEIXA OS ÀBÍKÚ FICAR NO MUNDO

Guizos pequenos
Há muitos guizos pequenos
Ifá foi consultado para *Ìyájanjàsá* que chefia a sociedade (dos *àbíkú no céu)*

Quando eles se reúnem (e) ela está chefiando a sociedade
Se estes *àbíkú* vão e vêm
Eles entregam sua mensagem a *Ìyájanjàsá*
Se eles se vão, eles lhe dizem onde vão
Quando chegam eles dizem também a *Iyájanjàsá*
No momento exato em que Ìyájanjàsá

No momento exato em que *Ìyájanjàsá* vem ao mundo
Eles dizem, tu és nosso rei (rainha)
Dizem que são os filhos de sua sociedade
Eles dizem, não permitem que ela venha ao mundo
Eles dizem, porque se ela vai ao mundo
Eles dizem, eles não encontrarão mais a quem entregar suas mensagens
Eles dizem, por isso *Ìyájanjàsá* não irá ao mundo
Ìyájanjàsá diz não faz mal
Diz que todos os que quiserem ir ao mundo, vão ao mundo
Diz que todas as crianças da sociedade vão ao mundo
O que quiser ficar sete dias no mundo,
Que diga que, no sétimo dia em que o tenham posto no mundo
Ele virá entregar uma mensagem a ti, a ti Ìyájanjasá
Ele virá entregar uma mensagem a ti, a ti *Ìyájanjasá*
O que chame no momento em que for andar
O que chama no momento em que for engatinhar
Aquele que diz no momento em que for ter dentes
Aquele que diz no momento em que se puser em pé
Que ele venha entregar a mensagem a *Iyájanjàsá*
Eles prometerão, todos, assim,
No local em que *Ìyájanjàsá* está na sua chefia
Quando eles tiverem feito sua promessa a *Ìyájanjàsá*
Eles farão as coisas que eles tenham determinado assim
Se o tempo é quase chegado
Que seu rei os espera
(e) ele não os vê ainda (chegar)
Ìyájanjàsá usará de truques para os procurar
Eles também a procuram
Ìyájanjàsá atrai estes *àbíkú* ao céu
O que disser que não encontra o caminho (do céu)
Ìyájanjàsá o ajudará (a encontrá-lo)
O que disser que não quer vir

Que as pessoas da terra consultaram *Òrúnmilà*
E (que ele) os ajuda para que fique
Ìyájanjàsá é perturbada por *Òrúnmilà*

a respeito das crianças de sua sociedade que vão ao mundo
O que lhe prometeu voltar para junto dela
Que não vem mais, ela o tomará à força
Todas as coisas que as pessoas fizerem para ele
Ela não as deixa agir
Todas as coisas que as pessoas fizeram para *àbíkú*
Ìyájanjàsá as estraga
Eles dizem que contra *àbíkú* não há remédio
Porque todas as coisas que quiserem fazer para lhe agradar (ao *àbíkú*)
Ìyájanjàsá as estragará
Quando *Ìyájanjàsá* os procurar aqui e acolá
Este filho da sociedade quer ir para o céu
Ele procura também *Ìyájanjàsá*
Eles cantam esta canção:
"*Ìyájanjàsá*, pequenos guizos
Há muitos guizos pequenos
Eu busco minha sociedade (e) vou a Ofa, pequenos guizos
Há muito guizos pequenos
Eu busco minha sociedade (e) vou a Oro, pequenos guizos
Há muitos guizos pequenos
Ìyájanjàsá pequenos guizos
Há muitos guizos pequenos"
Quando tiverem cantado assim
Esta criança, que é membro da sociedade dos *àbíkú*
Que não encontrou, rapidamente, o caminho (do céu)
Virá cantar, dizer que
Ìyájanjàsá a ajude a chegar ao céu
No lugar onde Ìyájanjàsá gosta de ficar
Se ela puder ouvir este canto
Ele virá logo, correndo
Ela buscará, então, um meio de ajudar,
O filho de sua sociedade a encontrá-la no céu
Dizem que (contra) *àbíkú* não há remédio
Ìyájanjàsá está na frente da sociedade dos *àbíkú* machos
Oloikó está na frente das *àbíkú* fêmeas
Se vides que uma criança macho ganha idade
E que morre no momento de se casar, é pelo poder de *Ìyájanjàsá*
Tal é a história de *Ìyájanjàsá* que chefia sua sociedade
e de como ela ajuda as crianças de sua sociedade (e) as atrai para o céu
E (de como) ela estraga os remédios dos que tomam conta deles
(tirado) do odu de Ifá *ìrètè* ìròsùn

NOTAS

(1) As palavras em iorubá estão transcritas de acordo com as normas ortográficas dessa língua

(2) DEBRUNNER, *Witchcraft in Gana*. Accra, 1959. p. 43

(3) Sunday Times. Lagos, 7 apr. 1968.

(4) HOUIS, M. *Le non individuel chez les Mossi*. Dakar, IFAN, 1963. Cap. 5.

(5) MAUPOIL, B. *La geomancie à l'ancienne Côte des Esclaves*. Paris, Institut d'Ethnologie de l'Université de Paris, 1943.

(6) Os algarismos romanos indicam os das histórias publicadas no fim do artigo; os algarismos arábicos remetem para as linhas destas histórias.

(7) As cerimônias para os àbíkú parecem ser pouco freqüntes entre os iorubás; a única a que assisti aconteceu entre os gun, em Porto Novo. Ela me tinha sido indicada por Mille M. J. Pineau que fez um estudo sociológico de um bairro da cidade para a ORSTOM. Tratavam-se de oferendas de alimentos feitos aos àbíkú em conjunto com os gêmeos, ibeji, ligando num mesmo culto as crianças que não querem ficar no mundo e as que vêm duas ao mesmo tempo, singularizando-se uns e outros, pelas circunstâncias excepcionais de seu nascimento. A cerimônia era feita pela tanyinonm encarregada do culto aos deuses protetores de uma família tradicional do bairro Houéta. Num canto da peça principal, oito estatuetas de madeira de cerca de vinte centímetros de altura eram colocadas sobre uma banqueta de barro.
Todos vestidos de panos da mesma qualidade, mostrando pela uniformidade de suas vestimentas pertencer a uma mesma sociedade (egbé). Seis destas estatuetas representam àbíkús e as outras duas ibeji. As oferendas feitas pela tanyinnon consistiam de oká (pasta de inhame) obèlá (espécie de caruru) èkeru (feijão moído e cozido nas folhas) eran dindi, eja dindin (carne e peixe fritos) que, depois da prece da tanyinon e da oferenda de parte desta comida às estatuetas, foram distribuídas pela assistência. Uma Sacerdotisa de Obatalá (Chamado Dudua em Porto Novo) assisti à cerimônia sublinhando as ligações que existiam entre o orixá da criação, as pessoas de corpos mal formados, corcundas, aleijados, albinos) e aqueles cujo nascimento é anormal (àbíkú e ibeji).
Esta cerimônia lembra a que é feita tradicionalmente para os gêmeos na Bahia pelos descendentes de iorubá trazidos antigamente para o Brasil pelo tráfico. Todos os anos, no dia 27 de setembro, dia de S. Cosme e S. Damião, 7 meninos são convidados por certas famílias para comer o caruru tradicional oferecido aos ibeji. Este caruru não é outra coisa senão o obèlá da cerimônia dos àbíkú e preparado do mesmo modo. Os sete meninos representam os gêmeos Cosme e Damião, Dois-Dois (deformação de Idowu, aquele que, entre os iorubás, nasce depois dos gêmeos Táiwo e Kèákindé) Crispim, Crispiniano, Salàkó e Tàlàbí.
Em sua prece a tanyinon tinha evocado Sàlàkó, que com Tàlàbi são os nomes dados aos meninos e meninas que vêm ao mundo com pedaços de membrana rompida sobre a cabeça; circunstância excepcional do seu nascimento que os aproxima da sociedade dos àbíkú.

(8) HORTON, Robin. Africa traditional thought and Western Science. *Africa*. London, *37* (2):159, apr. 1967.
kalabari Sculpture. Lagos, 1965. p. 10
LAVONDÈS, Henri. Magie et langage. *L'Homme*. 1963. p. 115.

(9) WILLIAMS, Peter Morton. Yoruba response of fear of death. *Africa*. London, *30* (1):35, jan. 1960.

(10) Por dificuldades tipográficas deixamos de transcrever os textos respectivos do original em iorubá, que se encontram no artigo: VERGER, Pierre. La societé egbé òrun des àbíkú, les enfants qui naissent pour mourir maintés fois. *Bulletin de l'Ifán*. Dakar, 30 (4): 1448/87, 1968. (série B).

*Tradução do original em francês de Ieda Machado Ribeiro dos Santos (CEAO).

LA SOCÓTÉ EGBÉ ÒRUN DES ÀBÍKÚ, LES ENFANTS QUI NAISSENT POUR MOURIR MAINTÉS FOIS

Si une femme, en pays yoruba, donne naissance à une série d'enfants mort-nés ou morts en bas âge, la tradition veut que ce ne soit pas la venue au monde d'enfants différents, mais qu'il s'agisse de diverses apparitions d'un même être maléfique appelé abiku (naître-mourir), censé venir au monde un bref moment pour s'en retourner au pays des morts, orun, l'au-delà, à diverses reprises. Il passe ainsi son temps à aller et revenir de l'au-delà au monde, sans jamais y rester logtemps, au plus grand désespoir des parents désireux d'avoir de nombreux enfants vivants pour assurer la continuité de la famille.
Huit histoires, itan d'Ifa, contées par les babalawô (les pères qui possèdent les secrets) au Nigeria sont données dans leurs textes complets et montrent comment les abiku sont censés former une société, egbe orun. Au moment de venir sur terre, chacun d'entre eux doit prendre l'engagement de revenir auprés de leurs compagnons à une époque déterminée par lui. Mais si les parents parviennent à le retenir au monde par certaines offrandes, le charme est rompu, l'abiku, oubliant sa promesse de retour, et, rompant ainsi le cycle de leurs allées et venues continuelles entre la vie et la mort, reste enfin au monde pour une période de vie normale.
Ils reçoivent certains noms au moment de leur naissance, les suppliant ou les incitant à rester au monde. La fréquence avec laquelle on rencontre en pays yoruba ces noms, portés par des adultes et des vieillards en bonne santé, montre que beacoup d'abiku restent au monde, grâce aux "précautions" décrites dans cet article.

THE EGBÉ ÒRUN SOCIETY OF THE ÀBÍKÚ, THE CHILDREN BORN TO DIE

If a woman gives birth, in Yoruba country, to series of still-born children or if they die in infancy, tradition says that it is not the birth of various children, but that it is the same malevolent creature coming several times to earth. He is called abiku (born to die) and supposed to come to earth to return after a short time to the country of the deads. He comes and goes from and to the "beyond" and the earth without remaining here for long, for the greatest despair of the parents, anxious to get numerous children to secure the continuity of the family.
Eight stories, itan of Ifa, told by babalawo (the fathers who possess the secrets) in Nigeria are given in their full extension and show how the abiku are supposed to form a kind of "club", the egbe orun. Each of its

member, at the time he comes to earth, makes a promise to meet again with his associates at a time given by him. But if the parents are able to keep him ou earth, through chosen offerings, the charm is broken, the abiku forgets his promise, and, getting rid of the cycle of unceasing goings and comings between life and death, remains finally to earth for a normal length of life.

They receive specific names at the moment of their birth, imploring or encouraging them to stay on earth. The great number of adults and old people wearing those names, demonstrate that lots of abiku remain finally on earth, thanks to the "tricks" described in this paper.